

Sergio de Moraes Bonilha Filho, Luciana Ohira Kawassaki*

“o céu na terra”, um experimento



Sergio Bonilha (São Paulo, 1976), artista visual, inicia em 2005 sua produção conjunta com Luciana Ohira (São Paulo, 1983), quando ainda discente de graduação na ECA-USP. A partir do mestrado em Poéticas Visuais, na mesma instituição, integra os grupos de pesquisa Poéticas Digitais e Poética da Multiplicidade, defendendo doutorado pelo mesmo programa de pós-graduação em 2015. Desde 2016, vive e trabalha em Campo Grande - MS, atuando como docente nas graduações em artes visuais da UFMS.

sergio.bonilha@ufms.br

ORCID 0000-0002-5898-9830

Luciana Ohira (São Paulo, 1983), artista visual, inicia em 2005 sua produção conjunta com Sergio Bonilha (São Paulo, 1976), quando ainda discente de graduação na ECA-USP. A partir do mestrado em Poéticas Visuais, na mesma instituição, passa a integrar os grupos de pesquisa Poéticas Digitais e Poética da Multiplicidade. Desde 2016, vive e trabalha em Campo Grande - MS, atuando como programadora visual na ALEMS.

luohka@gmail.com

ORCID 0000-0002-6685-9593

Resumo Agostinho da Silva (1906–1994), pensando sobre a passagem dos anos 1980 para os 1990 em Portugal, resgata em suas “Conversas Vadias” – transmitidas pela RTP – a instauração da Festa do Divino pelos reis Dom Dinis e Dona Isabel, no séc. XIV; para esse filósofo, era um mundo que parecia encaminhar-se para aquilo que a festa idealizava, com o fim da carestia e do sofrimento. Mas, passados 30 anos da série televisiva, não parece que estejamos tão perto desse futuro liberto; mais próximos do que falam Dardot e Laval em “La Nouvelle Raison du Monde” (2009), vê-se o Neoliberalismo ganhar controle até mesmo de anseios individuais. O presente texto relata a experiência da instalação/intervenção “o céu na terra” (Ohira e Bonilha, 2019 a 2020), combinando o pensamento de Michael Hardt em “O Comum no Comunismo” às duas referências supracitadas. Este é um relato sobre a intuição da liberdade.

Palavras-Chave Arte Contemporânea, Festa do Divino, Neoliberalismo, ‘Commons’.

"heaven underneath", an experiment

Abstract *Agostinho da Silva (1906-1994), reflecting about the shift from the 1980s to the 1990s in Portugal, resume the Festa do Divino at one of his "Conversas Vadias" - broadcasted by RTP during the year 1990: as in the future imagined by Dom Dinis and Dona Isabel, Agostinho felt like our world was about to get rid from famine and suffering. But 30 years after that television series, we are rather living what Dardot and Laval says in "La Nouvelle Raison du Monde" (2009): Neoliberalism is gaining control over our minds and feelings. This article reports the experience of "heaven underneath" (installation by Ohira & Bonilha, 2019 to 2020) and proposes a composition between Michael Hardt's "The Common in Communism" and the two aforementioned references. This is a small essay about a path to find freedom.*

Keywords *Contemporary Art, 'Festa do Divino', Neoliberalism, Commons.*

"cielo en la tierra", un experimento

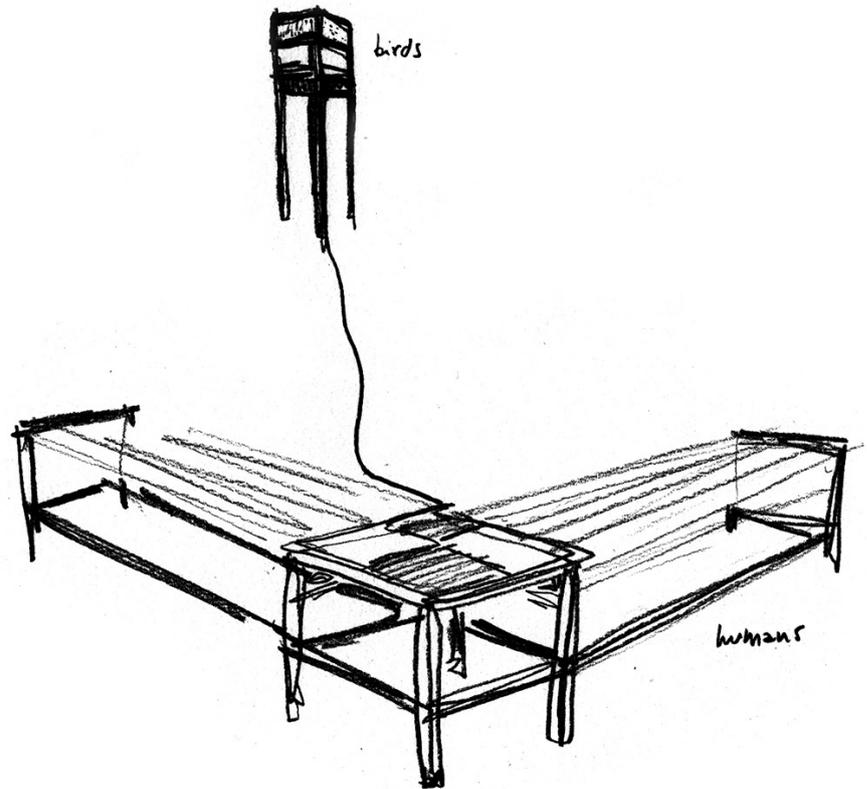
Resumen *Agostinho da Silva (1906-1994), reflexionando sobre el paso de los años 80 a los 90 en Portugal, retoma la Festa do Divino en una de sus "Conversas Vadias" - emitida por RTP durante el año 1990: como en el futuro imaginado por Dom Dinis y Doña Isabel, Agostinho sintió que nuestro mundo estaba a punto de deshacerse del hambre y el sufrimiento. Pero 30 años después de aquella serie de televisión, más bien estamos viviendo lo que dicen Dardot y Laval en "La Nouvelle Raison du Monde" (2009): El neoliberalismo está ganando control sobre nuestras mentes y sentimientos. Este artículo relata la experiencia del "cielo en la tierra" (instalación de Ohira & Bonilha, 2019 a 2020) y propone una composición entre "The Common in Communism" de Michael Hardt y las dos referencias mencionadas. Este es un pequeño experimento acerca de la libertad.*

Palabras clave *Arte Contemporáneo, 'Festa do Divino', Neoliberalismo, 'Commons'.*

Introdução

Figura 1 Croquis inicial do projeto

Fonte Acervo pessoal



Este artigo é uma reflexão sobre questões conceituais relacionadas à instalação “o céu na terra”, realizada entre 2019 e 2021. Apresentado em três locais distintos – Kulturfabrik (Berlim), MARP (Ribeirão Preto) e Mostra ComCiência (entre Belo Horizonte e Campo Grande) – o projeto sofreu pequenas alterações a cada montagem, porém, sem distanciar-se de sua proposta conceitual, permitindo, portanto, uma reflexão conjunta que se segue.

O projeto de “o céu na terra” parte do entrecruzamento de três eixos principais: os estudos de Agostinho da Silva sobre a Festa do Divino, a crítica de Pierre Dardot e Christian Laval à sociedade neoliberal e o resgate etimológico do vocábulo comunismo por Michael Hardt. Coincidentemente, tais referências trazem todas um certo caráter de revelação daquilo que teima em passar por ordem natural das coisas.

Numa das “Conversas Vadias”, transmitida pela RTP em 1990, Agostinho da Silva, comentando a passagem dos anos 1980 para os 1990 em Portugal, resgata a instauração da Festa do Divino pelos reis Dom Dinís e Dona Isabel (séc. XIV), para convocar seus espectadores à poiesis de uma nova sociedade:

“O que me parece é que vamos entrar numa coisa parecida à que os portugueses e alguns italianos intitulavam de Idade do Espírito Santo. Em primeiro lugar, a Idade em que as crianças cresceram tanto que a sua es-

pontaneidade e capacidade de sonhar nunca se extinguísse e um dia fossem capazes de dirigir o mundo. Em segundo, que a vida fosse gratuita.” (RTP, 1990)

Mas, passados 30 anos da série na RTP, não parece que estejamos tão perto desse futuro descrito por Agostinho. Mais próximos daquilo que descrevem Dardot e Laval em “A Nova Razão do Mundo”, vivemos em sociedades nas quais o Neoliberalismo ganhou controle até de anseios individuais, produzindo um terreno incerto, onde nem o ócio está imune a aferições de desempenho; tem-se, em oposição à monotonia fordista, a atenção ininterrupta do just in time toyotista, somando à vigilância e disciplina o autocontrole empreendedor. Distantes de nos rebelarmos, somos agora empresas de nós mesmos (DARDOT e LAVAL, 2016, pp. 333~).

Olhando por um ângulo complementar, Michael Hardt, em “O Comum no Comunismo”, considera que passou-se da mais-valia da mão de obra para a exploração de outras camadas do ser humano, sua subjetividade e afetos. Todavia, segundo Hardt, esse atual estágio de apropriação capitalista sobre o comum (entendendo nossa subjetividade e afetos enquanto commons) pode trazer em si a chave de sua própria superação, afinal, “é através da centralidade crescente do comum na produção capitalista – a produção das idéias, dos afetos, das relações sociais e das formas de vida – que as condições e as armas para um projeto comunista emergem.” (HARDT, 2009, p. 7). Noutras palavras, ao percebermos que, enquanto indivíduos, fazemos parte do comum e que existe, para além da propriedade privada e(ou) estatal, um outro arranjo possível, estruturado a partir da não propriedade, vislumbra-se claramente o “ser poeta à solta”, de Agostinho (RTP, 1990).

Mas, o que impediria esse passo?

No séc. XIV, Dona Isabel e Dom Dinís acreditando estar próxima a Idade do Espírito – nova era, que superaria a Idade do Filho – iniciaram em Abrantes (PT) a celebração do culto ao Divino Espírito Santo. Essa tradição, idealizada no séc. XII pelo abade Joaquim de Fiore (IT), celebrava o futuro, permitindo a seus participantes experimentar esse mundo vindouro, no qual não haveria nem desigualdade nem sofrimento. Durante a festa, uma criança era coroada Imperadora do Mundo, eram soltos os presos e oferecido um banquete para ricos e pobres, sem distinção. Evidentemente, o arranjo não se estendia ao dia seguinte, mas, enquanto não vinha a anunciação divina, iam-se preparando as gentes para esse novo mundo que estava perto de chegar; experimentava-se, de modo imanente, o “Céu na Terra” (AGOSTINHO, 2000 [1967], p. 329).

Em meados do séc. XIX, Karl Marx percebe as religiões enquanto “ópio do povo”, ou seja, como dispositivos que tanto permitem suportar as mazelas da realidade, quanto mantê-la inalterada (MARX, 1993 [1844], pp. 77-78). Numa direção diferente, porém, complementar, os atuais saberes psi apazíguam cicatrizes da era pós-fordista e aplastram-nos a ela, ensinam-

do técnicas de si, que, no mínimo, façam-nos crer que pelo mérito seremos recompensados e, que, se ainda não o fomos, bastará endurecer a carga de trabalho para chegarmos ao topo (DARDOT e LAVAL, 2016, pp. 357~). Não apenas pelo caráter transcendente da mão invisível do mercado, as semelhanças entre religião e meritocracia são muitas; percebe-se em ambas a mesma lógica de aceitação e fatalismo. Talvez haja mais proposição revolucionária nos reis de Portugal do séc. XIV que em nós...

Sobre a instalação

Utilizando dispositivos do cotidiano citadino (mobiliário urbano, redes telemáticas e sistemas de vigilância) "o céu na terra" oferece pequenas áreas de descanso, dedicadas à observação de pássaros silvestres.

Mas por que observar pássaros?

Figura 2 Visitante; imagem gravada pela instalação

Fonte Acervo pessoal



Além de servirem como metáfora de liberdade e representarem alegoricamente o Divino Espírito Santo (no caso dos pombos), os pássaros silvestres não pertencem a ninguém, são alheios à noção de propriedade (seja ela privada ou estatal). Portanto, ao apontar câmeras de vigilância em direção aos pássaros silvestres, deixa-se de buscar potenciais infratores e(ou) monitorar a propriedade, para contemplar o comum (commons).

Não apenas o sublime das imagens, mas, a espera pelos pássaros e o cuidado em não assustá-los, foram pontos recorrentes nas conversas com visitantes da instalação. Também o compartilhamento das técnicas construtivas e códigos de programação utilizados foram um ponto relevante da experiência. Todavia, as discussões sobre o referencial teórico da proposta tiveram um papel crucial na produção de sentido; o arresvesamento de Agostinho, a capacidade de resignificação em Hardt e agudeza da análise de Dardot e Laval, foram um tripé fundamental para transformar o inefável em consciência sobre o real.



Figura 3 Montagens em Berlim, Ribeirão Preto e Campo Grande (a partir da esquerda)

Fonte Acervo pessoal

Considerações finais

Uma próxima versão, com montagem de longa duração, cuja estrutura estará mais integrada ao ambiente, apresenta-se como possibilidade próxima em Campo Grande-MS. Aproveitando o solo abaixo do comedouro para cultivar plantas da região do Cerrado e dispersá-las através dos pássaros visitantes, a área de registro vídeo/fotográfico das aves será uma pequena banheira/bebedouro, cuja água, no momento de descarte, regará diariamente as referidas plantas, promovendo o reúso de recursos e impedindo a proliferação de mosquitos. Na mesma direção, a alimentação de energia elétrica dos circuitos será gerada completamente por via fotovoltaica e os esquemas construtivos e códigos de programação serão compartilhados no endereço web da instalação (www.o-ceu-na-terra.xyz), reforçando a discussão sobre o uso coletivo dos comuns.

Figura 4 Circuitos inicializando o sistema operacional

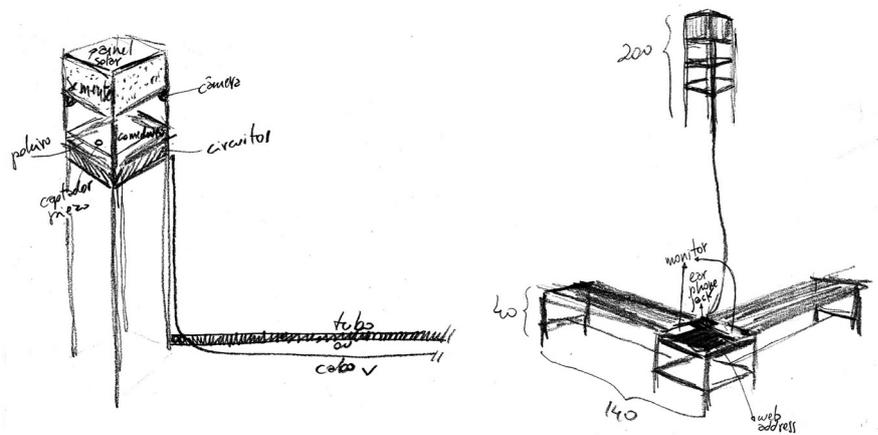
Fonte Acervo pessoal



Finalmente, é importante frisar que a instalação "o céu na terra" utiliza apenas circuitos e códigos de programação abertos e que, embora tangencie temas religiosos, não se filia a qualquer credo religioso. Realizado colaborativamente, este projeto deve agradecimentos à Raspberry PI Foundation, aos projetos PiKrellCam e MotionEyeOS, às equipes educativas do Museu de Arte de Ribeirão Preto e do Museu das Minas e do Metal, bem como, ao artista Christian Ebert (Kulturfabrik) e à Casa Muxarabi, escritório de arquitetura.

Figura 5 Croquis adicionais, variações do projeto

Fonte Acervo pessoal



Referências

DARDOT, P.; LAVAL, C. A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARDT, M. O **Comum no Comunismo**. In: Aatoria em rede, 2009. (<https://autoriaemrede.wordpress.com/2011/04/10/o-comum-no-comunismo-de-michael-hardt/>)

MARX, K. **Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Lisboa: Edições 70, 1993 [1843].

RTP. Conversas Vadias. In: **RTP – Rádio e Televisão de Portugal, 1990**. (<https://arquivos.rtp.pt/programas/conversas-vadias/page/1/#filters>)

SILVA, A. da. **Algumas Considerações sobre o Culto Popular do Espírito Santo**. In: Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira, vol. I. Lisboa: Âncora Editora, 2000 [1967].

Recebido: 10 de agosto de 2021

Aprovado: 29 de setembro de 2021